RUFANDO BOMB NEWS Notícias sem rodeios

Sábado, 21 de Novembro de 2026

Agatha Christie

ROSANA LEITE ANTUNES DE BARROS

Rosana Leite Antunes de Barros

Agatha Mary Clarissa Christie nasceu em 15 de setembro de1890, em Torquay, no Sul da Inglaterra, e fez a passagem em 12 de janeiro de 1976. Foi educada pela mãe em casa, que a incentivou a “dar asas à imaginação” com muita leitura e a criação de histórias. Os seus contos traziam o foco policial e misterioso.

A escritora não foi moldada por instituições de saberes masculino, sendo a sua inteligência desenvolvida de forma sensível para observar comportamentos, contradições e as violências visíveis no cotidiano. Quanto à trajetória pessoal, à sua época de crescimento e desenvolvimento foi marcada pelo silenciamento feminino imposto às mulheres, o que também a incentivou a escrever com profundidade, habilidade e resistência.

Agatha exerceu o seu lado humanitário durante a Primeira Guerra Mundial, quando trabalhou como enfermeira voluntária. Foi nesse labor que se aprofundou em seus conhecimentos sobre venenos, substâncias químicas e os respectivos efeitos no corpo humano. Esses saberes foram por ela utilizados em seus contos com detalhes precisos dominados pela autora e captados durante a prática.

Ela não se declarava feminista. Todavia, as suas obras são recheadas de fortes traços feministas, com a criação de heroínas complexas e independentes, tal como Miss Marple. Nas suas escritas foram exploradas a discriminação feminina e a presença de mulheres poderosas para o gênero policial e a representatividade feminina, inclusive com mulheres ocupando espaços e profissões vistas como masculinas para a era. Além disso, Christie fez reflexões sobre estereótipos e preconceitos, incluindo o racismo e a xenofobia em alguns personagens, muitas vezes, se utilizando de sátira.

Um dos destaques feministas de Agatha Christie vai para a personagem Jane Marple, conhecida por Miss Marple, e que esteve presente em doze romances e vinte contos policiais de autoria de Christie. Ela é uma mulher solteira, idosa, e socialmente subestimada, como muitas mulheres que o patriarcado costuma ignorar. A detetive vive em um vilarejo fictício de St. Mary Mead e atua como detetive. Agatha Christie deixa nas entrelinhas que a “invisibilidade” da personagem carrega a sua força, já que ela observa, escuta e analisa a todo momento. Enquanto os homens investigadores confiam em técnicas, estatísticas e autoridade, a personagem aposta no seu conhecimento produzido a partir das suas vivências.

A escritora ficou conhecida como a “rainha do crime”, transformando dor em método, invisibilidade em poder narrativo e experiência feminina em inteligência literária. Dentre tantos enigmas resolvidos, ela provou que o intelecto feminino não é exceção, sendo regra quando tem espaço para existir.

Ao reconhecer seu sucesso editorial, também se compreende a mulher que construiu, com inteligência estratégica e imaginação radical, um espaço de autoridade em um campo literário historicamente dominado por homens, subvertendo hierarquias intelectuais e criando personagens femininas que, silenciosamente,

desmontam estereótipos.

Christie começou a publicar no início do século XX, período em que o lugar social da mulher era fortemente delimitado pelo casamento, pela maternidade e pela esfera doméstica. Assim, escrever já era um ato de transgressão. Mas, escrever com autoridade intelectual romances policiais, quebrava paradigmas, onde lógica, inteligência e racionalidade não era campo feminino.

Nas histórias por ela narrada, não foram criadas mulheres tidas como exemplares, mas, sim, humanas, rompendo com tradições que reservavam a elas apenas papéis morais. Escreveu sobre enredos frios, engenhosos e desafiadores intelectualmente. Nas linhas por ela traçadas as mulheres agem, tomam decisões, erram, conspiram, vivem e sobrevivem.

Com sucesso mundial, foi traduzida em mais de 100 idiomas, com bilhões de exemplares vendidos. Mas, o seu legado não se encontra apenas nos livros vendidos, trazendo a normalização de que mulheres podem ser autoridades intelectuais.

Agatha Christie não escreveu sobre o feminismo; ela praticou o feminismo escrevendo.

Rosana Leite Antunes de Barros é *defensora pública estadual, mestra em Sociologia pela UFMT.*